



REFLEXÕES ACERCA DA INTERVENÇÃO PRECOCE COMO POSSIBILIDADE DE TRATAMENTO NA PRIMEIRÍSSIMA INFÂNCIA¹

Annamaria Machado Batista², Amanda Schoffel Sehn³

¹ Estudo desenvolvido a partir do Trabalho de Conclusão de Curso em Psicologia, apresentado na UNIJUI, intitulado “Infância e subjetividade: desafios contemporâneos e a importância da intervenção precoce”.

² Psicóloga. Mestranda do Programa Educação nas Ciências. Email: annamaria.batista@sou.unijui.edu.br

³ Psicóloga. Professora Orientadora, Doutora em Psicologia. Curso de Psicologia da UNIJUI, amanda.sehn@unijui.edu.br.

Introdução: A infância é caracterizada como um tempo potencial de abertura a inscrições que podem transformar o curso do desenvolvimento, em razão da intensa plasticidade neuronal nos primeiros anos de vida. Para que o desenvolvimento infantil ocorra, é preciso compreender o processo de constituição psíquica nesse tempo inicial, considerando as especificidades de cada época e o que se espera de uma criança para que ela se torne sujeito. Atualmente, certos elementos característicos da contemporaneidade — como o uso excessivo de telas, o imediatismo e o imperativo da aceleração — têm produzido marcas na subjetividade infantil. Esses fatores contribuem para a crescente patologização do sofrimento psíquico, fazendo com que manifestações ou sintomas apresentados na infância sejam, por vezes, confundidos com sinais de transtornos psicopatológicos. Nesse contexto, a detecção precoce do risco psíquico surge como uma ferramenta fundamental para identificar sinais de alerta no desenvolvimento infantil. Ao reconhecer entraves à constituição psíquica, a intervenção precoce pode atuar de forma preventiva, favorecendo modificações no curso do desenvolvimento e evitando a cristalização de quadros psicopatológicos. **Objetivos:** Refletir sobre a detecção precoce de risco psíquico e a intervenção precoce como possibilidades de intervenção ante à cristalização de diagnósticos psicopatológicos na infância. **Metodologia:** Realizou-se uma pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa, descritiva e exploratória, com base em publicações científicas do campo da psicologia, especialmente da psicanálise. Foram consultados livros e artigos científicos publicados em base de dados que dialogam com o tema. **Resultados:** O conceito de infância na contemporaneidade é resultado de uma construção histórica e social em constante transformação. De uma fase em que a criança era vista como um adulto em miniatura, seu valor foi gradualmente sendo ressignificado até ser compreendida como um ser vulnerável e dependente e, com isso, marcada pela necessidade de proteção que se estende até hoje e influencia na forma de tratamento oferecida às crianças contemporaneamente. Cada período histórico atribui novos papéis e significados à infância, o que exige refletir sobre os atravessamentos contemporâneos, como o avanço tecnológico e as novas dinâmicas sociais, e seus efeitos na forma como as infâncias são vividas. As crianças hoje crescem imersas no mundo digital, expostas a um fluxo incessante de informações, predominantemente de forma passiva. Esse uso excessivo de telas, mesmo entre os muito pequenos, expressa a lógica imperativa marcada pela rapidez e pelo imediatismo das informações, produzindo efeitos na subjetividade infantil. Ainda que haja alertas de



organizações públicas e privadas sobre os riscos do uso excessivo de telas, o Brasil ocupa o segundo lugar entre 45 países em tempo médio diário, com cerca de 9 horas por dia de uso. Além disso, o uso excessivo de dispositivos eletrônicos pelos adultos pode comprometer a qualidade das interações com as crianças, especialmente em uma fase em que o afeto, o olhar e o cuidado são essenciais ao desenvolvimento. A atenção constantemente desviada para as telas pode ser interpretada pelo bebê como desinteresse ou indisponibilidade afetiva, o que tende a impactar negativamente a construção de vínculos seguros e a percepção de confiança e segurança emocional. Associado a isso, o uso de telas em excesso pelas crianças também têm produzido sintomas, mesmo nos bebês, tais como a redução da concentração e do pensamento crítico, altos níveis de ansiedade, estresse, desobediência, e são facilmente confundidos e associados a diversos transtornos psicopatológicos. Assim, o aumento nos diagnósticos de transtornos do neurodesenvolvimento avoluma-se como um sintoma social, o que reforça a necessidade de diferenciar detecção precoce de risco de diagnóstico. É preciso compreender o processo de subjetivação e constituição psíquica que se espera do bebê para que ele se torne um sujeito, a fim de reconhecer quando algo não vai bem e permitir intervenções a tempo de prevenir a instauração de quadros psicopatológicos. Nesse sentido, o risco psíquico na primeiríssima infância se evidencia pela ausência ou queda de produção subjetiva do bebê, sendo necessário formular hipóteses sobre sua organização psíquica e encaminhá-lo à intervenção, sustentando uma aposta no sujeito que está em constituição e que, embora ainda não esteja ali, supõe-se que surgirá. A proposta psicanalítica de intervenção precoce consiste em nomear e introduzir significantes ao bebê na relação com o Outro, amarrando discursos para que o bebê possa vir a ficar situado como sujeito. Tal intervenção é sustentada pela plasticidade cerebral nos primeiros anos de vida, que possibilita a maturação ou a modulação neurológica necessária para alcançar ganhos mais consistentes, duradouros e significativos, favorecendo o desenvolvimento. **Conclusões:** Este estudo destaca a importância dos primeiros anos de vida como um período crucial para o desenvolvimento infantil, marcado pela intensa plasticidade neuronal e elevado potencial de inscrição psíquica. Ao compreender a infância como uma construção social e histórica, propõe-se uma reflexão crítica acerca do uso excessivo de telas, o imediatismo e a patologização precoce do sofrimento psíquico e sua relação com a subjetividade infantil. Sustenta-se que a detecção precoce de riscos psíquicos não deve ser entendida como antecipação de diagnósticos, mas como um recurso sensível capaz de identificar sinais de alerta e favorecer intervenções preventivas e oportunas, evitando a cristalização de dificuldades e respeitando a singularidade de cada criança. Nesse contexto, a intervenção precoce constitui uma ferramenta essencial à promoção do desenvolvimento infantil, contrapondo-se à lógica de diagnósticos padronizados e reafirmando a centralidade do olhar atento, do cuidado e da aposta no potencial do bebê e da relação com o Outro como elementos centrais no processo de subjetivação. **Palavras-chave:** Infância; Intervenção precoce; Psicanálise.